

# FORA DE QUADRO

O não dito: *O Desprezo e Filme Socialismo*, de Godard

Gabriela Wondracek Linck<sup>1</sup>



---

1. Gabriela Wondracek Linck é bacharel em Letras pela UFRGS e mestranda na ECA-USP. Já traduziu, entre outras, obras literárias de E. T. A. Hoffmann, J. W. Goethe e Georg Kaiser, bem como obras audiovisuais de Dan Graham e Beuys (Mostra Horizonte Expandido, do Santander Cultural).

São sempre muitos os desdobramentos possíveis a partir dos filmes de Jean-Luc Godard. No caso de *Filme socialismo*, um detalhe (?) que chama atenção é a presença da música “Sag mir wo die Blumen sind” (Me diga onde estão as flores), cantada pela atriz alemã Marlene Dietrich, em 1962. A canção original em inglês é “Where have all the flowers gone” (Para onde foram todas as flores). Trata-se de uma música antiguerra, de 1955, cuja autoria é atribuída ao então oficial do exército estadunidense Peter Seeger. A frase “Me diga onde estão as flores, onde elas foram parar” ele retirou de uma canção folclórica dos cossacos, composta originalmente em ucraniano, tendo chegado ao conhecimento do compositor através de sua menção em um romance de Michail Sholokov, em russo, de 1934. A questão do “onde?” (ligada à morte) vem da tradição *ubi sunt*, presente em poemas medievais.

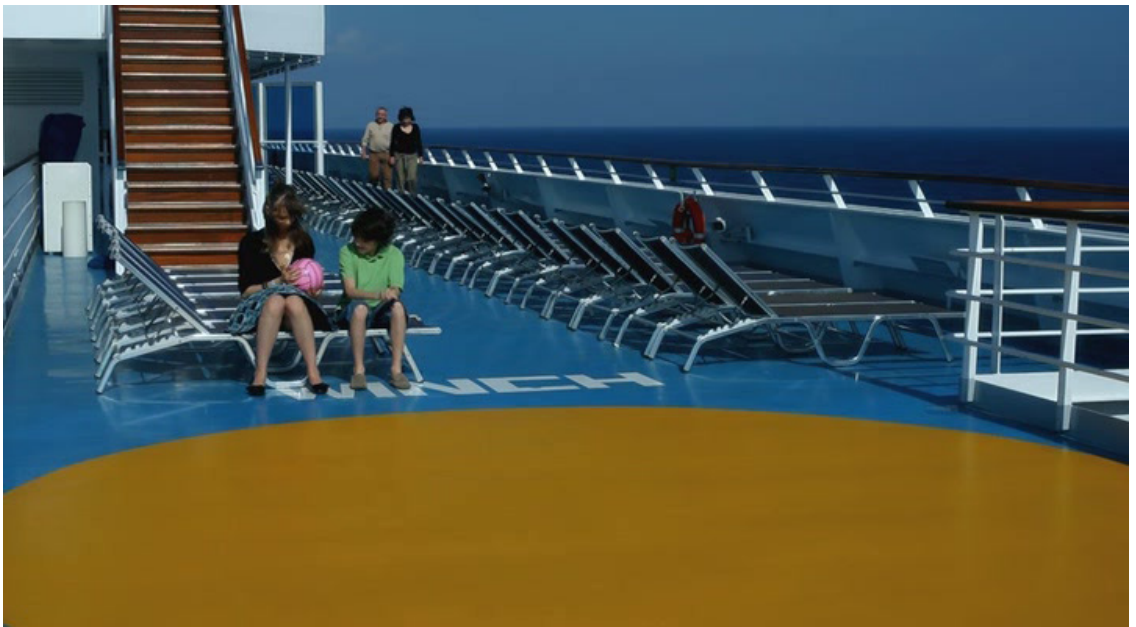
O que justamente a versão de Marlene Dietrich faz no filme de Godard? Tanto no filme quanto nas muitas traduções pelas quais passou a canção, é forte a presença do *não dito*, e da impossibilidade de evitar dizê-lo. Em Godard, o que sobra é justamente o *não dito*. É ele a terceira pessoa, o traidor do *one plus one*. A tradução (tão traidora quanto as imagens e a tecnologia) é antes de tudo um empreendimento humano: contém a impossibilidade da perfeição e a impossibilidade do abandono da busca de tal perfeição. Tão impossível quanto traduzir é deixar de traduzir; então, que se faça o melhor (“mais perfeito”).

Mas até a perfeição é falha. Ortega y Gasset, em seus escritos sobre a tradução, diz que a diferença essencial entre os seres humanos e os outros animais é a capacidade de ser triste: quanto mais triste, mais humano. O homem sofre porque é falho, e sofre mais do que os outros animais porque tem consciência disso. O homem sofre por não conseguir mostrar, por não conseguir dizer. Dizer é sempre deixar de dizer e mostrar é sempre deixar de



mostrar. A ideia de traição nasce de uma escolha por determinada fidelidade (*one plus one*). Mais uma vez: a tradução, assim como o registro de imagem, é o lugar do *não dito*. A traição não é ato, mas omissão. Busca-se dizer em uma língua o que só é possível em outra. Nas imagens não existem palavras. Entre outras coisas, captar uma imagem é também questão de geometria, assim como tradução é questão de matemática (gramatical). No entanto, cinema e tradução não são geometria ou matemática. Ambos são arte: que está ligada à utopia, à exasperação de um desejo de eternidade e beleza, avessa às sistematizações e unida por estilos, como um *todo da criação humana* (também segundo Ortega y Gasset, o homem só se faz homem quando é todos os homens, assim como a tradução só é tradução quando se torna a grande língua, a língua de todas as línguas). Podemos também pensar as línguas como vários estilos de uma mesma língua: a grande língua, a utopia maior; a arte, a tradução.

O estilo de Godard é poético. No documentário *As metamorfoses da paisagem*, Rohmer fala (e mostra) que o mar tem o poder de transfigurar qualquer paisagem, de transformar as geometrias mais retas e sérias em poesia na sua simples união com elas. Figuras austeras e utilitárias como guindastes e navios adquirem um ritmo poético e formam com o mar um espetáculo de plasticidade.



O mar é um dos personagens centrais de *Filme socialismo*, assim como de *O desprezo*, outro filme que enfoca a questão da tradução e que tem início com os famosos diálogos erráticos entre Fritz Lang, sua tradutora e um produtor de cinema. O mar já foi usado também como metáfora para o caminho entre o texto original e sua tradução; ou seja, um caminho infinito. Em *O desprezo* há uma panorâmica do lugar onde Brigitte Bardot toma sol com um livro sobre as nádegas, em uma das imagens mais belas do cinema, em que Godard mescla com perfeição o mar e as geometrias retas, fazendo poesia com as linhas planas,





dando ritmo ao que é estável. Ora, o que é a tradução se não uma tentativa de dar ritmo novo (em outra língua) a algo estável (uma obra escrita)?





Citando Radegundis Stolze:

## Metaphors of translation

*Translatio*: (from Latin) something is carried by boat from one shore to the other where it arrives in a strange environment  
*Navigation*: it must be clear, where the journey is going, who will be the receivers of the message

*Transfer*: translation is an interlingual transaction, the information content of a text shall be transported unaltered  
Podemos notar que nas três metáforas, baseadas em teorias sobre a tradução, é recorrente a ideia de transporte, sendo que na primeira este é representado na forma de “navegação”. Em alemão há dois verbos para o ato de traduzir: *übersetzen* (que, em outros contextos, pode também significar “atravessar” – por exemplo, um rio), referente à tradução escrita, e *dolmetschen*, para a tradução da fala, função daquele que no Brasil chamamos “intérprete”. Atualmente, a legendagem cinematográfica está no *não lugar* entre os dois. Sabe-se que ela é algo muito distinto da tradução de obra escrita (principalmente quando feita de ouvido), mas não é exatamente um trabalho de intérprete, apesar de lidar com a fala. Godard, em *Filme socialismo*, faz uma revolução não só das legendas, mas também da comunicação no cinema.

A falta do verbo nas legendas “dessemantizadas” (que Godard fez questão de manter, através de diversas instruções rigorosas aos “legendadores”) é a falta da possibilidade de exatidão, mas não a recusa da tentativa, que é feita através de imagens, sons e ritmos. A tentativa é a poesia. Para a audição, música. Afinal, estamos falando do mesmo Godard que afirma fazer filmes também para cegos, que diz que seus filmes podem ser ouvidos. Estamos falando do mesmo Godard que, em entrevista a Alexander Kluge, diz que a relação dos cineastas da *Nouvelle Vague* com o cinema era uma relação de amor cego, pois os diretores amavam os filmes antes de vê-los. Nessa entrevista, Kluge pergunta o que Godard acha de uma imagem em que um motorista de



caminhão cego (que, no entanto, não pode deixar de trabalhar) dirige pelas estradas movimentadas orientado pelo filho, uma criança de 9 anos. Godard diz que essa relação só pode ser uma relação de amor e que Kluge deveria fazer um filme sobre isso. Ele arremata com a seguinte frase: “As crianças, quando nascem, e os velhos, quando morrem, não falam, veem algo”.

Kluge: Os ouvidos são mais velhos que os olhos?

Godard: No nível físico eu não sei, depende de cada pessoa, mas na verdade acho que eles envelhecem por igual. Talvez o som se torne mais importante com a idade, e os olhos descansam com mais frequência.



Na trilha sonora de *Filme socialismo*, Marlene Dietrich anseia pela imagem (ou cheiro, ou som) das flores. Em alemão “*Sag mir wo die Blumen sind*” (Me diga onde estão as flores), traduzido de “Where have all the flowers gone” (Para onde foram as flores), na versão original da música. Resta saber como era o verso do refrão (presente no filme) no romance, em russo, e no original, em ucraniano. O que quero dizer é: ao longo dos anos, a letra da canção sofreu tantas adaptações que sua tradução talvez ofereça possibilidades de interpretação





que não existiam no original. Tudo é recriação e seus riscos: o cinema recria o mundo em imagens e a tradução recria as imagens em um novo mundo; as imagens que o tradutor tem da palavra original, o que ela evoca a partir de seu entendimento da vida e dos símbolos. O tradutor recria um texto a partir de sua própria experiência e conhecimento; o termo “original” tem, para ele, algo (ou bastante) de ambíguo, pois ele também é um criador, e seu texto (traduzido) é também único. No trabalho tradutório, permanência e mudança (eternidade e morte/fidelidade e traição) se fundem. No caso dessa canção e no caso de Godard, o que permanece autêntico é o ritmo, o estilo.

Quando lemos uma palavra isolada, a primeira coisa que vem ao nosso cérebro não é um som ou outra palavra, mas uma imagem (mesmo que seja a imagem de outra palavra ou de alguém que a pronuncia). Não falo de imagens externas, mas de imagens interiores, únicas, vistas apenas por nós; imagens construídas ao longo de nossa experiência, imagens também vistas pelos cegos em sua imaginação. A palavra-chave, da tradução e do cinema, é imaginação – qualidade rara, única, e indispensável em todos os aspectos da comunicação artística, visual ou escrita. Imaginação que cria sensações e ritmos. Imaginação que cria identificação de sentidos. Imaginação poética. É ela a grande musa de Godard e do bom tradutor de ficção.

